

O PAPEL DA AVALIAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE ENSINO: REFLEXÕES PARA COMPOR UM DIÁLOGO

Naiana Ortiz Boeno¹

Resumo: O presente artigo compartilha análises sobre o papel da avaliação no contexto educacional de ensino: reflexões para compor um diálogo. Objetiva compreender o papel da avaliação no contexto educacional de ensino. A avaliação no contexto educacional desempenha um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, pois vai além de medir o desempenho dos estudantes. Ela atua como uma ferramenta diagnóstica, formativa e somativa, contribuindo para identificar necessidades, monitorar progressos e ajustar práticas pedagógicas. Nesse sentido, a avaliação é essencial para garantir que os objetivos educacionais sejam alcançados de forma eficaz e equitativa, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos. Com base nesse panorama, a problemática é: qual o papel da avaliação no contexto educacional de ensino como reflexões para compor um diálogo? A metodologia de estudo é qualitativa de análise documental sob abordagem histórico-cultural. Estudo contextualizado à luz de Hoffmann (2011), Fernandes (2021), Wiggins, Grant; McTighe, Jay (2019).

Introdução

Inciar um diálogo concatenando reflexões que emergem de uma urgência em avaliar para agir sobre quais seriam as teorias que influenciaram e que ainda influenciam o cotidiano da escola, sua constituição, processos e, ainda, a avaliação; requer que voltemos nossos olhares para as ações passadas e também presentes, contextualizando e buscando compreendê-la na sua pluralidade de significados e significações. Mas, afinal, o que caracteriza a qualidade de avaliação no processo educativo?

O discurso que temos atualmente emergente entre educadores dos mais diversos campos educacionais apontam para reflexões distintas e

1 Professora da Rede Municipal de Ijuí. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. Bolsista CAPES. E-mail: naiana.boeno@sou.unijui.edu.br

oriundas da preocupação advinda da avaliação como um processo educativo como meio, e não mais visto como um fim. No passado, a prática da avaliação reformava teoria e prática; em que era fundamentalmente escolar, observada pela aprendizagem do aluno. A obrigação ao estudo, as provas em demasia para avaliar o apreendido, a preparação homogênea de turmas para a aprendizagem formal...

São questões que nos fazem refletir: estamos avaliando o quê? Por quê? Para quem? Como? Ao longo do tempo, os avanços na direção da avaliação escolar apontam para uma nova cultura desta, porém, o que se questiona, se reflete e se exprime nos mais variados momentos de discussão em âmbito educacional é a busca por saber sob quais pressupostos esse avanço acontece e, além disso, que instrumentos possibilitam evidenciar o que o aluno já consegue fazer sozinho ou com auxílio de alguém para que consiga avançar.

Avaliação no contexto escolar: uma reflexão entre avanços e retrocessos

ao longo do tempo, os avanços na direção da avaliação escolar apontam para uma nova cultura desta, porém, o que se questiona, se reflete e se exprime nos mais variados momentos de discussão em âmbito educacional é a busca por saber sob quais pressupostos esse avanço acontece e, além disso, que instrumentos possibilitam evidenciar o que o aluno já consegue fazer sozinho ou com auxílio de alguém para que consiga avançar.

Repensar o processo avaliativo no sentido de criar novas possibilidades, consolidando as práticas pedagógicas realizadas faz-se necessário para que esse quadro mude diante da contemporaneidade educacional que hoje vivemos. Dessa forma, os objetivos da avaliação escolar modificam-se ao que víamos em outros tempos no processo de escolarização, com um padrão mais rígido instrumentalizado de avaliação quantitativa, e não qualitativa.

Jussara Hoffmann (2011) argumenta que

Todo o processo avaliativo tem por intenção: a) observar o aprendiz; b) analisar e compreender suas estratégias de aprendizagem; e c) tomar decisões pedagógicas favoráveis à continuidade do processo. Somente se constitui o processo como tal, se ocorrerem os três tempos: observar, analisar e promover melhores oportunidades de aprendizagem. Não se pode dizer que se avaliou porque se observou

algo do aluno. Ou denominar por avaliação apenas a correção de sua tarefa ou teste e o registro das notas, porque, nesse caso, não houve a mediação, ou seja, a intervenção pedagógica, decorrente da interpretação das tarefas, uma ação pedagógica desafiadora e favorecedora à superação intelectual dos alunos. (Hoffmann, 2011).

Um novo olhar necessita estar atento a propostas de ação que atribuam recursos e práticas que possibilite um olhar sensível do educador, no qual considere cada aluno em sua singularidade, suas habilidades e competências; e ainda, que tenha intenções pedagógicas calcadas não só no trilhar de sua caminhada junto da turma, mas também onde se quer chegar.

Jussara Hoffmann nos acrescenta ainda que

Essa é a intenção do avaliador: conhecer, compreender, acolher os alunos em suas diferenças e estratégias próprias de aprendizagem para planejar e ajustar ações pedagógicas favorecedoras a cada um e ao grupo como um todo. O objetivo de “promover melhores condições de aprendizagem” resulta em mudanças essenciais das práticas avaliativas e das relações com os educandos, uma vez que toda observação ou “exigência” do professor passa a vir acompanhada de apoios, tanto intelectuais quanto afetivos, que possibilitam aos alunos superar quaisquer desafios. (Hoffmann, 2011).

Atualmente, todos nós educadores vivemos um momento transformador na área educacional no que se refere à avaliação, (re)pensando sua proposta como formativa ao longo do processo de aprendizagem, ou seja, PARA a aprendizagem, e não mais sobre A aprendizagem em si. Dessa forma, a pesquisa qualitativa favorecerá a ampliação do conhecimento do aluno e seu desenvolvimento durante o período escolar, com maior qualidade na educação.

Nesse sentido, a avaliação nos aponta mecanismos que necessitam ser mediados ao longo do ano letivo, tais como o tempo – que é o grande vilão do educador, pois o mesmo depende deste para planejar suas aulas e nelas, fazer-se entender para, posteriormente, constatar a compreensão dos alunos - , a distribuição dos conteúdos, o processo de desenvolvimento e os próprios protagonistas; além, é claro, dos resultados, que são a culminância do todo envolvido. Cabe salientar ainda a importância e presença das avaliações externas, que buscam avaliar cada aluno de maneira a evidenciar através da nota de desempenho escolar a sua aprendizagem durante o período proposto.

A palavra-chave para a reflexão sobre a avaliação sugerida é a

“possibilidade”. É através dela que educador e aluno poderão caminhar juntos rumo a um mesmo horizonte, com estímulo mútuo durante a escolarização. Ao educador, caberá articular de maneira peculiar os conhecimentos de cada aluno e trazê-los para sua avaliação formativa, pensando nesta na perspectiva curricular, observando seus objetivos, fundamentos e instrumentos avaliativos. Já ao aluno, compreender a complexidade do conhecimento de maneira mais leve e protagonizar com maior tranquilidade durante as práticas instauradas em sala de aula. Dessa forma, o diálogo entre a educação de qualidade, a transformação do processo pedagógico e o êxito na aprendizagem do aluno estará presente em cada escola com avaliação nesse entorno.

Compreendemos que a avaliação indica e estabelece o currículo, sendo este, primordial para que ocorra a aprendizagem. É nele e através dele que as propostas escolares de trabalho garantem o ensino, a aprendizagem e a avaliação, em complementariedade. Dessa forma, o desenvolvimento das habilidades e competências no trabalho às capacidades no que concerne o currículo contribuem para o avanço discente em sua singularidade.

A clareza nas informações dadas e os critérios de estudo e avaliação são necessários para que uma educação de qualidade, coesa e bem articulada ocorra, a fim de que os alunos possam ter uma clara visão do estudo, da proposta escolar, da pesquisa e do que lhes compete como primordial fazer e desenvolver. Mas, em nossa atualidade, essa clareza se mostra presente nos diferentes educandários que temos? Os alunos têm essa visão do todo, para seu estudo e para que o êxito educacional como um todo possa ocorrer? Quais os critérios de avaliação par este fim? Que indicativos nos mostram a possibilidade de avanços nesse processo, quando se trata de avaliação e currículo como paralelos em uma escola que busca qualidade?

Assim, o desempenho e resultado das tarefas atingem seus objetivos com maior êxito quando existe essa clareza mencionada, com maior importância e relevância no processo de ensino e aprendizagem. Mas, para que uma avaliação tenha realmente qualidade, dizemos que ela necessita garantir as condições necessárias ao aluno de compreensão da intencionalidade, bem como, que seja concatenada com as aprendizagens ao longo do processo; de acordo com o que se tem esperado no currículo e na condição das aulas.

Sendo assim, o uso de diferentes métodos e estratégias agregará à avaliação a qualidade necessária para seu fim, integrada como ensino e escolha de informações, das quais os alunos reconhecem e serão capazes de

decodificar ao final do processo.

Os critérios e as decisões dos seus diferentes níveis de consecução são fundamentais numa avaliação pedagógica nos quais garantem a qualidade das avaliações internas. É a partir deles que se pode atribuir feedback a todos os alunos também com a mesma qualidade. Dessa forma, podemos saber o que é desejável que todos os alunos aprendam e sejam capazes de fazer, porém, informa também a situação relativa em que se encontram ao que é desejável. Quer dizer que, dada a situação-problema, haverá as mais variadas compreensões e, portanto, planificações e apreensões do aluno. Assim, as descrições dos diferentes níveis de desempenho devem definir o nível de qualidade do desempenho dos alunos numa dada tarefa de avaliação. Através do exposto, é possível refletir sobre as salas de aula e percebermos a pluralidade nela existente, através de turmas heterogêneas com diferentes níveis e ritmos de aprendizagem, nos quais caracterizam-se pelas mais variadas formas de compreensão e planificação diante das situações-problemas.

Cabe destacar a relevância da seleção de critérios perante uma avaliação que traduzam em sua essência os que neles há de mais relevante para a tarefa dada; focados nas características de aprendizagem que a avaliação deseja elencar. Eles buscam obter indicações acerca do que vai ser objeto de avaliação e, por conseguinte, do que é importante aprender. Na definição desses critérios consta a adequação do que, no currículo, está definido como o que é importante aprender ou saber fazer. Ademais, os critérios deverão abranger a totalidade das aprendizagens a realizar e que são concebíveis de ser avaliadas através dos desempenhos dos alunos. Sendo assim, que critérios avaliativos podem e devem ser usados, considerando essa diversidade em uma única sala de aula? Qual a sua relevância nas diferentes instituições de ensino, considerando sua aplicabilidade considerando a importância da avaliação nos diferentes níveis de ensino para um avanço no processo educativo?

Os estudos apontam que as avaliações e o feedback são fundamentais para que ocorra a aprendizagem. A avaliação, espessa nos preceitos da compreensão e, posteriormente, da aprendizagem, necessita mostrar-se como um reflexo do ensino e acontecer de maneira ininterrupta, observando para não imiscuir. Assim, deve oferecer as informações necessárias dentro da compreensão dos quais cada aluno está atingindo.

Em relação à avaliação do trabalho do aluno, esta baseia-se no julgamento orientado pelos critérios claros e apropriados que especificam

o que se deve examinar para, então, constatar o grau de compreensão de cada aluno em seu desenvolvimento. Sendo assim, as reflexões julgam-se importantes quando se trata de pensar em quais critérios poderão e deverão ser utilizados, de maneira apropriada, para que haja compreensão e clareza por parte dos alunos, dada sua singularidade?

Alguns critérios são elencados de acordo com a funcionalidade e especificidade de cada aula dada, considerando diferentes mecanismos de estudo e pesquisa, para uma melhor compreensão discente: o **engajamento**; essencial ao julgar uma história. A **proficiência** do autor no uso de ferramentas literárias e escolha da linguagem; e o **desenvolvimento dos personagens**; relacionado à profundidade e à credibilidade dos personagens. Ambos poderão estar associados, embora sejam independentes. As variáveis independentes no desempenho que afetam nosso julgamento da qualidade aparecem ao identificarmos critérios propícios, dependendo de cada caso.

Ao pensarmos dos critérios à rubrica, compreendemos que a mesma consiste em descrever graus de qualidade, proficiência ou compreensão ao longo de um processo constante. Temos, então, dois tipos gerais: a rubrica holística, que produz uma pontuação ou classificação única para um produto ou desempenho, fornecendo uma impressão global do trabalho do aluno; e a rubrica analítica, que divide um produto ou desempenho em traços distintos ou dimensões e julga cada um separadamente, fornecendo uma pontuação separada para cada um.

Uma rubrica para a compreensão deve fornecer respostas concretas às nossas principais perguntas de avaliação: com o que a compreensão se parece? O que diferencia, na prática, uma compreensão sofisticada de uma compreensão ingênua?

Dessa forma, podemos analisar as questões e refletir sobre outra não menos relevante: Ao pensarmos na avaliação e critérios utilizados para considerar a compreensão do aluno perante a pesquisa e estudo ao longo do processo de ensino, quais rubricas são utilizadas? De que forma e com qual intencionalidade reflexiva?

O planejamento reverso a partir de rubricas e critérios surge como uma nova abordagem no auxílio dos mesmos quanto às definições de qualidade e desempenho dos alunos. Assim, os próprios alunos poderão, ao longo das aulas, contribuir significativamente para que os critérios de avaliação correspondam às expectativas.

Já a compreensão é apresentada através de seis facetas, úteis na identificação dos critérios e construção de rubricas para realizar a avaliação

dentro do grau de compreensão: explicação, interpretação, aplicação, perspectiva, empatia e autoconhecimento.

Como um avaliador nos pede que sejamos cuidadosos ao memorarmos as evidências dos resultados desejados? A questão é não criar tarefas puramente interessantes e realistas, mas sim, buscar as evidências mais apropriadas dos resultados desejados! Assim se constitui o desafio da validade.

Conclusões

A avaliação no contexto educacional não pode ser subjetiva, pois o professor necessita ter critérios que lhe dão mais condições de fazer uma avaliação mais justa. Infelizmente ela está imbuída de julgamentos, mas quando a emancipação e a libertação são presentes e fortes, ela acontece com maior êxito nas ações. Assim, uma importante reflexão se faz necessária ao pensarmos sobre a avaliação: “Essa prática traz consigo quais concepções para que o avanço, tanto na teoria como na prática, aconteçam com maior epílogo em relação à aprendizagem discente, à inclusão e, efetivamente, ao cotidiano da escola”? E ainda: “Qual a importância do professor considerar o erro no processo de avaliação”?

São essas e outras tantas reflexões que nos inquietam e nos fazem denotar a necessidade da superação dos obstáculos, avanços e retrocessos em relação à avaliação escolar, pois ao refletirmos sobre o “avaliar para quê?”, há uma carência preambular em considerarmos em avaliar “para” aprendizagem, e não “a” aprendizagem. Sendo assim, repensar uma escola com prática avaliativa que contribua com o processo de escolarização, que em sua composição seja libertadora e emancipatória, demarca projetos de educação e de sociedade entrelaçando as dimensões pedagógica, histórica, cultural, social, política e epistemológica presentes no âmbito escolar.

Problematizar as questões oriundas à avaliação escolar é refletir o processo e nele próprio; é articular pensamento e ação em um contexto que permite a produção de sentidos e a desconstrução do já apreendido para um novo saber sobre; tão velho e tão novo, que transforma os desafios da sala de aula em ações educativas voltadas para a intenção de avaliação prospectiva; buscando trilhar o caminho indicado por Freire e pensando no novo, ao educar e investigar na coletividade.

Contudo, a busca pela antecipação das principais incompreensões dos alunos para poder, assim, desenvolver avaliações e pós-avaliações

rápidas e identificar se essas incompreensões foram ou não superadas irá revelar se os alunos estão de fato compreendendo o processo de isolamento das variáveis como parte de uma investigação científica. E é através do uso das avaliações, dos critérios e rubricas que o diálogo acontece e, por conseguinte, o avanço no saber discente.

Referências

FERNANDES, D. (2021). *Critérios de Avaliação*. Folha de apoio à formação – Projeto de Monitorização, Acompanhamento e Investigação em Avaliação Pedagógica (MAIA). Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação formativa ou avaliação mediadora? Didática Geral, 2011. Disponível em:

<http://didaticageraluece.blogspot.com/2011/10/texto-09-avaliacao-formativa-ou.html>

Wiggins, Grant; McTighe, Jay. Critérios e validade (Cap. 8). In: Wiggins, Grant; McTighe, Jay. Planejamento para compreensão: alinhando currículo, avaliação e ensino por meio do planejamento reverso. Porto Alegre: Penso, 2019. P. 168-185.